

Lisboa 1986

Departamento de Arqueologia / Serviços Regionais de Arqueologia

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA

03

I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

(Setúbal 1985)



I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana

Setúbal - 24 a 26 de Maio de 1985

Organização: Museu de Arqueologia
e Etnografia de Setúbal

Capa: Isabel Lage

Design Gráfico e Montagem: Joaquim A.C. Franco

Composição Dactilográfica: João Lourenço

Revisão: Carlos T. Silva
e Joaquina Soares

Gravuras da Capa e Contra-capas: Estatueta em osso proveniente
de escavações na Travessa de
Frei Gaspar - Setúbal
(Escala 1:1, frente e verso,
desenho de Jorge Costa)

Fotolitos: Luis Pascoal
e António Ventura

Ocupação Pré-Romana de Setúbal:

**Escavações Arqueológicas
na Travessa dos Apóstolos**

**Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva**

INTRODUÇÃO

A extensão e a excelente conservação dos vestígios arquitectónicos da jazida romana de Tróia condicionaram fortemente a investigação arqueológica na região e as teorias relativas à paleocupação humana do estuário do Sado.

Desde as primeiras escavações efectuadas em Tróia, por ordem de D. Maria I, até às últimas, realizadas sob a direcção do Prof. D. Fernando de Almeida, nos anos 70, quase todas as gerações de arqueólogos passaram por aquela jazida, identificada, com raras excepções, como a Cetóbriga de Ptolomeu de Alexandria.

Em frente, na margem direita do estuário, a cidade de Setúbal desenvolvia-se sobre um subsolo de grande interesse arqueológico, quase desconhecido até 1957. Neste ano, as obras de saneamento básico determinaram a abertura de valas, numa extensão de 25 237m, abrangendo vasta área da

cidade. José Marques da Costa acompanhou os trabalhos, recolheu abundante material, nomeadamente ânforas (1) e numismas, cuja cronologia se situa entre os séculos I e IV, e procedeu à elaboração de uma carta com a localização dos vestígios romanos detectados (2) (fig. 1).

Surgiria, na sequência desta descoberta arqueológica, uma acesa polémica, com eco na imprensa local, que envolveu, por um lado, José Marques da Costa e, por outro, F. Bandeira Ferreira, autor que veio a retomar, em 1959 (3), o problema da localização de Cetóbriga. Referindo-se aos achados arqueológicos de Setúbal afirmava: "(...) mas o local em que estes e outros artefactos foram encontrados, permite-nos perguntar se não teriam sido para aí levados com outros materiais, em épocas relativamente recentes, para fazer daqueles aterros que, de há muito, se efectuaram em Setúbal para conquistar algum terreno ao rio ou secar os sapais que existiram sobretudo nas proximidades da foz da ribeira do Livramento" (4).

Em 1966, um dos signatários (C.T.S.) procedeu à revisão e publicação de um

Dawson, 1956

88

manuscrito de A. I. Marques da Costa (5), dando a conhecer uma necrópole romana, com materiais do séc. II e, sobretudo, do séc. IV, destruída no primeiro decénio deste século, aquando da construção do túnel do Caminho de Ferro Palhais-Fontainhas.

As primeiras estruturas reconhecidas como romanas (tardo-romanas) viriam a ser identificadas por Carlos Tavares da Silva (6) em 1971, quando se abriram valas para a construção do edifício com os n.ºs 52-56 da Rua Arronches Junqueiro, fazendo esquina para a Travessa de Jorge de Aquino, já na encosta da colina de Santa Maria.

Com a criação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, em Dezembro de 1974, inicia-se um programa de investigação cujo objectivo é a reconstituição da evolução urbana de Setúbal, desde as suas origens até à actualidade. O interesse deste projecto de arqueologia urbana surgia reforçado pela grande escassez de documentação escrita para amplos períodos da história de Setúbal, por uma crescente necessidade social de

referências históricas e de reencontro da identidade cultural de um dos aglomerados urbanos mais populosos do país e de composição bastante heterogénea.

O referido programa de investigação tem obtido apoios pontuais do Instituto Português do Património Cultural e da Câmara Municipal e tem sido desenvolvido pelos serviços do Museu de Arqueologia e Etnografia quer através do acompanhamento sistemático de todas as obras de construção que motivam remoções do subsolo da zona antiga da cidade ("Centro Histórico"), quer através de escavações, sempre que o interesse científico e os condicionamentos administrativos as viabilizem.

Assim, em 1979 (7), realizaram-se escavações arqueológicas na Travessa de Frei Gaspar que puseram a descoberto construções romanas de carácter habitacional, de meados e terceiro quartel do séc. I, edificadas sobre areias de praia, fluvio-marinhas. A esta primeira fase de ocupação do local seguiu-se a construção, nos finais do séc. I, de uma fábrica de

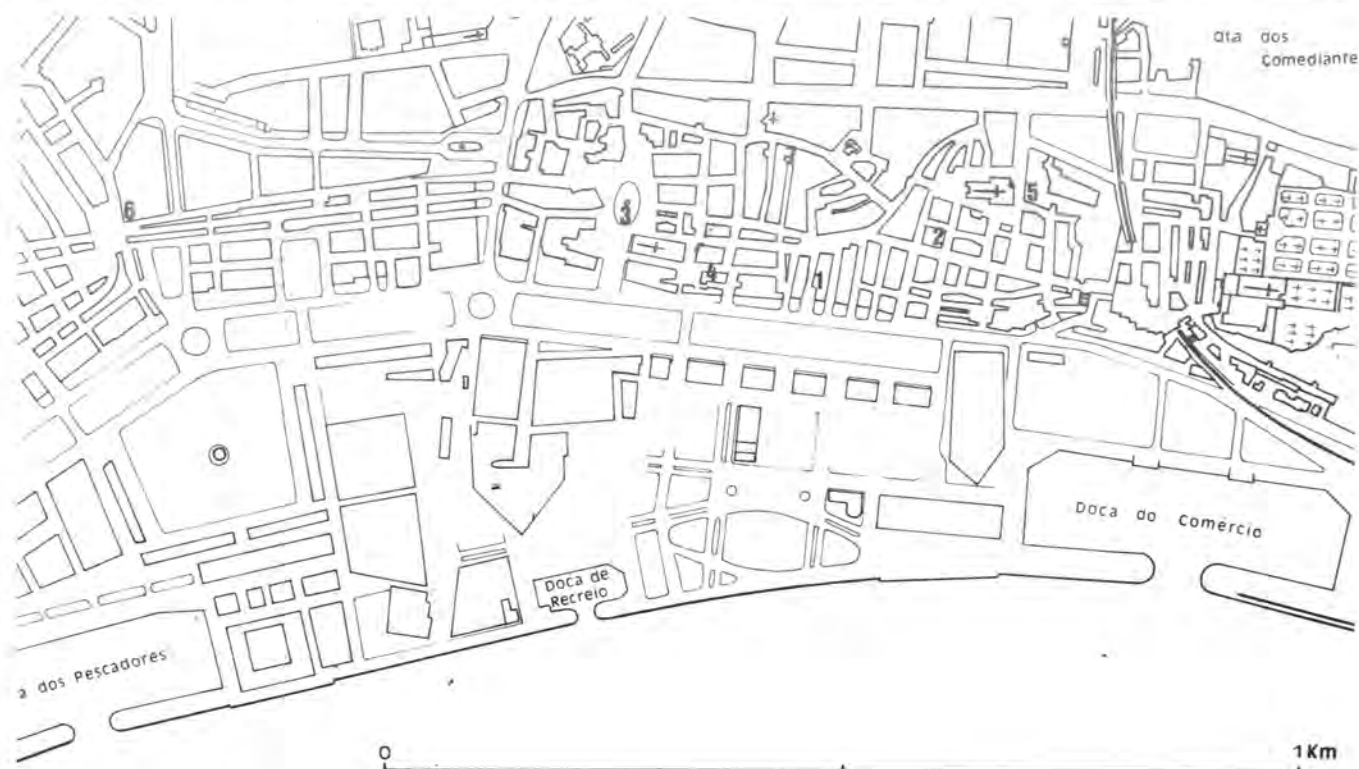


Fig. 2 - Localização dos achados das principais intervenções arqueológicas na área urbana de Setúbal dirigidas pelos signatários e promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, por ordem cronológica da sua realização:

1. Trav. de Frei Gaspar; 2. R. António Joaquim Granjo; 3. Praça de Bocage; 4. R. António Januário de Silva; 5. Trav. dos Apóstolos / Traseiras de Santa Maria; 6. Largo da Fonte Nova; 7. R. Afonso Pála

salga de peixe que, no século IV foi reutilizada como lixeira, ressurgindo parcialmente, por breve período, com a sua função inicial, no séc. V.

Em 1980 efectuaram-se escavações na Praça de Bocage (8). Estas revelaram uma sequência estratigráfica em que se evidenciava não só o interesse das camadas romanas mas também, pela primeira vez, o dos estratos pós-romanos, correlacionáveis com o património edificado e a estrutura da própria praça (9).

A Praça de Bocage, antiga praia da desembocadura de um afluente do Sado, vizinhava com um estabelecimento humano do séc. I; possuía, misturados com a areia da praia, fragmentos de t.s. itálica rolados. Sobre esta praia estabeleceu-se, no último quartel do séc. I, uma fábrica de salga de peixe, a qual laborou até ao séc. II. Alguns dos tanques foram utilizados como depósitos de lixo nos sécs. III e IV. Após um longo período de abandono, um dos tanques foi reutilizado como habitação, em plena Idade Média e, ainda anteriormente à construção da muralha do séc. XIV, o local esteve inundado, facto que lhe teria proporcionado a designação de Sapal, mantida até ao século passado. No séc. XVI, transforma-se num importante espaço urbano - centro político-administrativo - dominado pelo templo de S. Julião (S. Gião) construído bem ao gosto da época, cujo cemitério anexo, mantido muito possivelmente até ao séc. XVIII, foi parcialmente escavado.

Outras intervenções mais circunscritas escalonaram-se entre 1980 e 1985, assumindo o carácter de sondagens, cujo interesse mais imediato é o da delimitação das manchas de ocupação dos principais períodos reconhecidos no casco histórico e a recuperação de elementos para uma melhor caracterização dos mesmos períodos.

Importa aqui referir os trabalhos efectuados na Rua António Januário da Silva, n.ºs 27-31, que revelaram a existência de uma fábrica de salga de peixe da Época Romana, implantada, como as anteriormente mencionadas, sobre uma praia fluvio-marinha e sobreposta por níveis arenosos formados pela remobilização das areias da praia pelo vento, fenómeno possível antes da construção da muralha do

séc. XIV que iria englobar o local. Nesses níveis recolheram-se materiais medievais, os mais antigos encontrados até ao presente. A sua tipologia aponta para os séculos XIII-XIV. As camadas superiores oferecem materiais que vão desde o séc. XVI até à actualidade, sendo as daquele século as que mostram maior potencia estratigráfica.

Uma sondagem realizada por detrás da Fonte Nova (Praça de Machado dos Santos), no bairro de Troino, viria ampliar (para ocidente) a mancha de ocupação romana. A camada desse período situava-se na base da estratigrafia arqueológica, a 3,25m de profundidade.

Se esta sondagem dilatava a área da Setúbal romana, uma outra intervenção na Rua Afonso Pala, n.ºs 69-75, viria limitar-nos, a Norte, a zona ocupada na Época Romana, pois sobre o substrato, arqueologicamente estéril, assentavam directamente, à prof. de 2,5m, camadas com materiais do séc. XVI.

A estratigrafia observada na Rua António Joaquim Granjo, n.ºs 45-47, na encosta Oeste da colina de Santa Maria, confirmou a ocupação romana da zona, já assinalada em outras ocasiões, e mostrou ser o estrato romano sobreposto por níveis da 2ª metade do séc. XVI/inícios do séc. XVII, comportando-se como um perfil estratigráfico estereotipado da actual arqueologia setubalense em que dois importantes períodos se salientam: Época Romana e Renascimento. Entre eles, ténues e fugazes vestígios da presença humana, até agora totalmente desconhecida durante o período muçulmano.

Em 1984, uma escavação de emergência realizada na Travessa dos Apóstolos - traseiras da igreja de Santa Maria - em pleno "Centro Histórico", viria a alterar radicalmente os conhecimentos respeitantes às origens de Setúbal, ampliando apreciavelmente o quadro cronológico da sua ocupação e remontando-as à I Idade do Ferro.

TRAVESSA DOS APÓSTOLOS

Localização

A zona onde decorreram as escavações situa-se na encosta da única colina

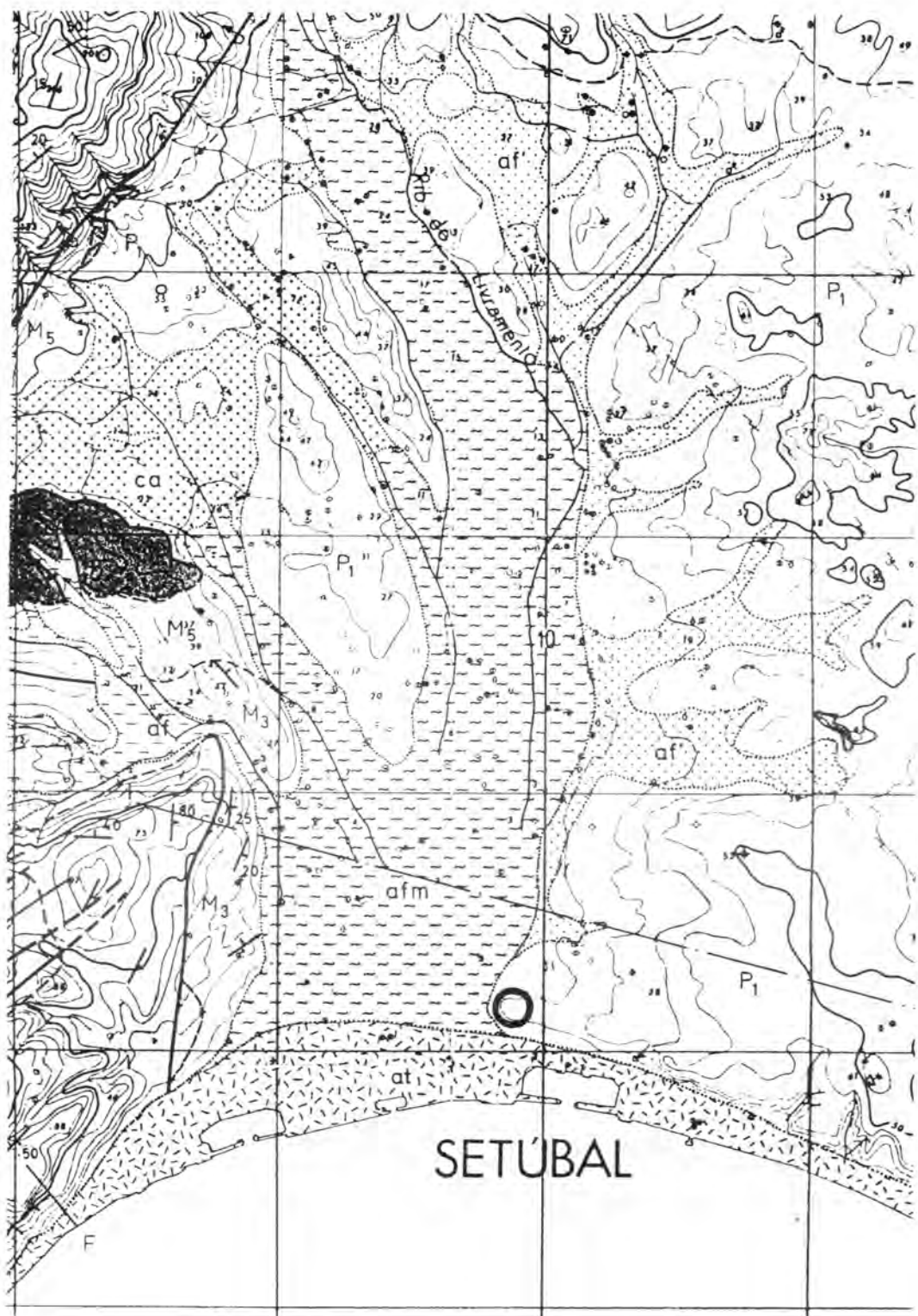


Fig. 3 - Localização (assinalada por um círculo) da jazida da Idade do Ferro da área urbana de Setúbal na Carta de Unidades Geotécnicas; esc. 1:25 000. Seg. A. M. Laranjeira Gomes Coelho.

at - aterros recentes

afm - aluviões fluviais marinhas

af - aluviões fluviais arenosas

ca - depósitos colúvio-aluvionares arenosos

P1 - Complexo arenoso (areias siltosas, areias e argilas)

M3 - Complexo gesso-calcário

J4 - Complexo conglomerático

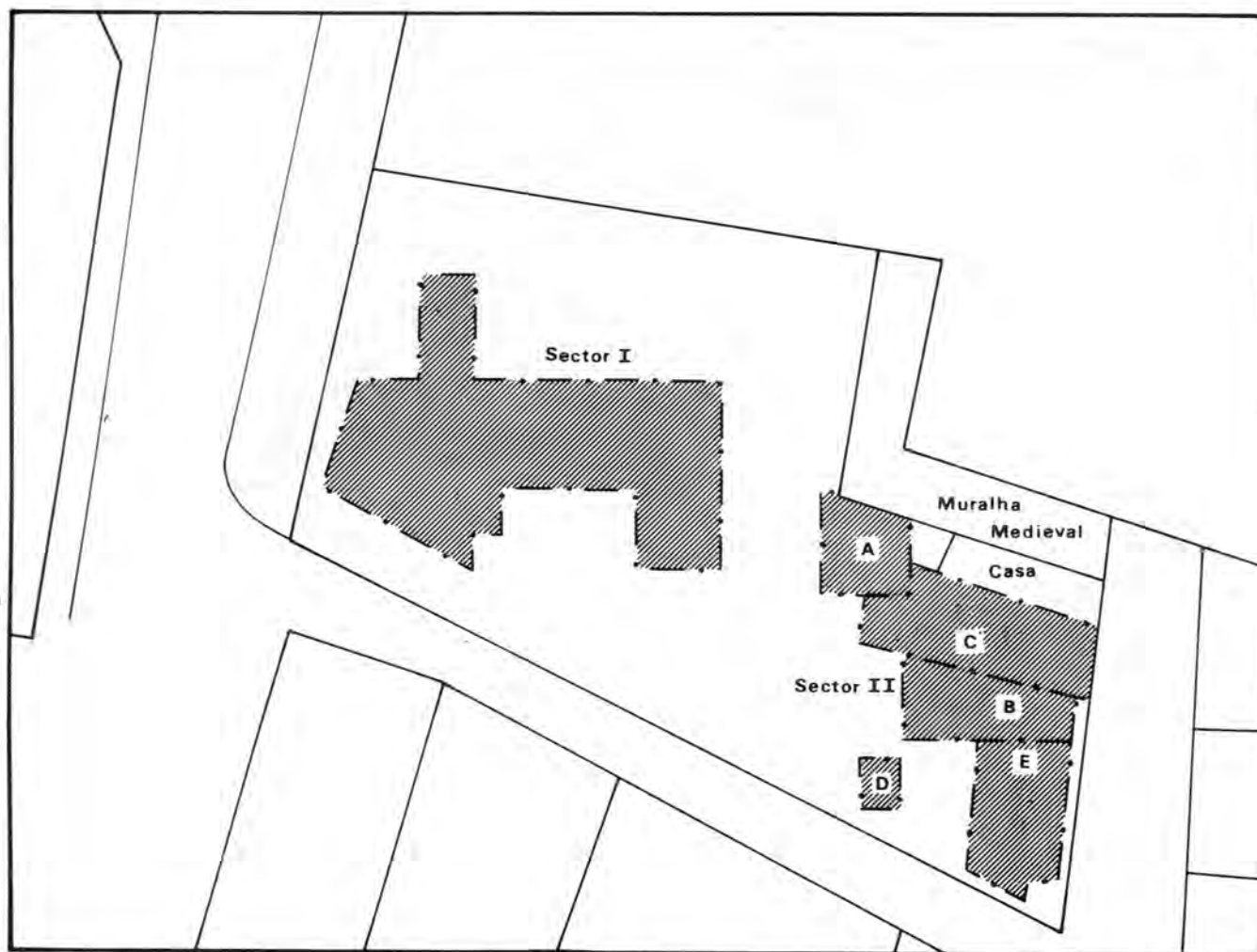


Fig. 4 - Área escavada na Travessa dos Apóstolos

existente no casco histórico de Setúbal. Formam-na terrenos arenosos do Plio-plistocénico. A sua cota máxima é de 19m. Era limitada, a Norte, por uma linha de água (ainda existente no séc. XVI) que seguia a direcção da actual Av. 5 de Outubro; a Sul, pela praia, hoje Av. Luisa Todi; a Este, separava-se da zona planáltica por uma profunda ravina a qual foi vencida, pelo menos desde o séc. XVI, por uma ponte que, posteriormente, se alargou em plataforma, camuflando a morfologia original do sítio; a Oeste confinava com uma área baixa e pantanosa (actual baixa de Setúbal) atravessada por um braço do Sado e influenciada pelas ribeiras que drenavam as serras de S. Luis e dos Gaiteiros. Tratava-se pois de uma elevação bem destacada na paisagem, oferecendo condições naturais de defesa.

Realçamos aqui a morfologia da jazí-

da arqueológica de que a área em escavação é uma pequena parcela, pelo facto dela oferecer as características próprias para uma ocupação humana, no quadro da estratégia de povoamento da Idade do Ferro. Contudo, a morfologia original encontra-se tão "mascarada" pela intensa e sucessiva urbanização do local que não se vislumbra, na área urbana de Setúbal, a elevação onde poderia ter-se erguido Cetóbriga.

Se à colina que acabámos de referir corresponde a Cetóbriga de Ptolomeu e do Itinerário de Antonino só um programa de extensas e sistemáticas escavações poderá talvez responder.

Escavação

Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em Novembro de 1983, e prolongaram-se até Fevereiro de 1985, tendo

sofrido algumas interrupções por razões meteorológicas.

A intervenção arqueológica foi decidida pelo aparecimento de materiais romanos aquando da remoção dos restos de um edifício demolido nas traseiras da igreja de Santa Maria e da preparação do terreno para nova construção. Esta última constituiu o factor de implementação do processo, determinando o carácter de emergência da escavação.

Após a demolição do que restava das construções recentes, procedeu-se à implantação no terreno de um sistema de coordenadas orientado segundo o Norte magnético, com quadrados de 2m de lado, designados por uma letra (eixo Oeste-Este) e um número árabe (eixo Sul-Norte).

A existência de um desnível bem marcado, a toda a largura da área a escavar, levou-nos a criar dois sectores que, no decurso dos trabalhos, se mostraram arqueologicamente distintos (10). O Sector I, onde não se identificaram níveis da Idade do Ferro, corresponde à área que se situa a W dos quadrados da fiada J. Neste sector foram escavados os Qs. C13-C15, D13-D15, E12-E17, F13-F15, G14, G15, H14, H15, I12-I15, J12-J15, K12, K13. O Sector II abrange a zona a Este da fiada J, de cota mais elevada e também mais oriental e apresenta níveis da Idade do Ferro.

Neste Sector realizaram-se os Cortes de A a E, cobrindo uma área aproximada de 50m². A estratigrafia observada nos diversos cortes apresenta algumas variações laterais mas, de modo geral, mantêm-se as mesmas grandes fases de ocupação humana. O corte A, aberto junto do cunhal da muralha medieval cuja construção se iniciou no séc. XIV, e abrangendo parte dos Qs. L12, L13 e M13 e a totalidade do Q. M12, forneceu a seguinte estratigrafia (de cima para baixo), nos Qs. M12 e M13:

C.1 - A parte superior da camada (C.1a) encontrava-se revolvida e possuía materiais de diferentes épocas. A C.1 mostrava-se, na maior parte da sua espessura, constituída pelo derrube de uma construção muito rica em argamassa de cal e areia bastante friável, a qual envolvia pedras de pequenas e médias dimensões. Cor amarela clara (≈ 2.5 Y 8/2). Esp. máx. ca.

0,30m. A construção a que o derrube pertencia parece ser sub-contemporânea dum piso do séc. XVIII e, tal como este, relacionar-se-ia com a existência de um espaço não coberto tipo jardim. Forneceu pouco material arqueológico: quase só fragmentos de tijoleiras.

C.2 - Areia argilosa castanho-acinzentada (≈ 10 YR 6/2) com pequenos carvões disseminados. Esp. máx. ca. 0,37m. Forneceu abundante material arqueológico. De salientar uma candeia vidrada a verde e uma moeda de D. Sebastião. Esta camada parece ter-se formado nos finais do séc. XVI e durante o séc. XVII.

C.3 - Constituída por fragmentos de argamassa amarela (≈ 10 YR 7/6) com manchas castanhas. Não atingia o limite Norte do perfil e possuía maior expressão na extremidade Sul. Esp. máx. ca. 0,30m. Não forneceu espólio arqueológico. Parece estar relacionada com o derrube do muro 2, de orientação N-S e sem expressão no perfil.

C.4a - Areia argilosa de cor castanho-acinzentada (≈ 10 YR 5/2). Esp. máx. ca. 0,27m. No lado Norte foi difícil separá-la da C.2 e na zona Sul do perfil desaparecia cortada pela C.3. Forneceu abundante material do séc. XV/XVI. Corresponde à parte superior do enchimento da vala de construção da muralha.

C.4b - Areia argilosa muito fina e bem calibrada, de cor castanha clara (≈ 7.5 YR 6/2), com pequenos fragmentos de carvão disseminados. Esp. máx. ca. 0,20m. Localiza-se apenas na zona Norte do perfil e faz parte da 2ª fase do enchimento da vala de construção da muralha; situa-se na transição do alicerce para a parte aérea e bem aparelhada da muralha. Arqueologicamente estéril.

C.4c - Camada não perturbada, constituída por matriz de areia argilosa, cinzenta (≈ 10 YR 6/1), com abundantes fragmentos de argamassa destacados do alicerce da muralha, telhas e pedras de dimensões médias. Esp. máx. ca. 0,45m. Cortou as camadas 5 a 9. Abundante material arqueológico, nomeadamente cerâmica vidrada a branco com decoração a azul, possivelmente do séc. XIV. Corresponde à base do enchimento da vala de construção da muralha. A partir desta profundidade a

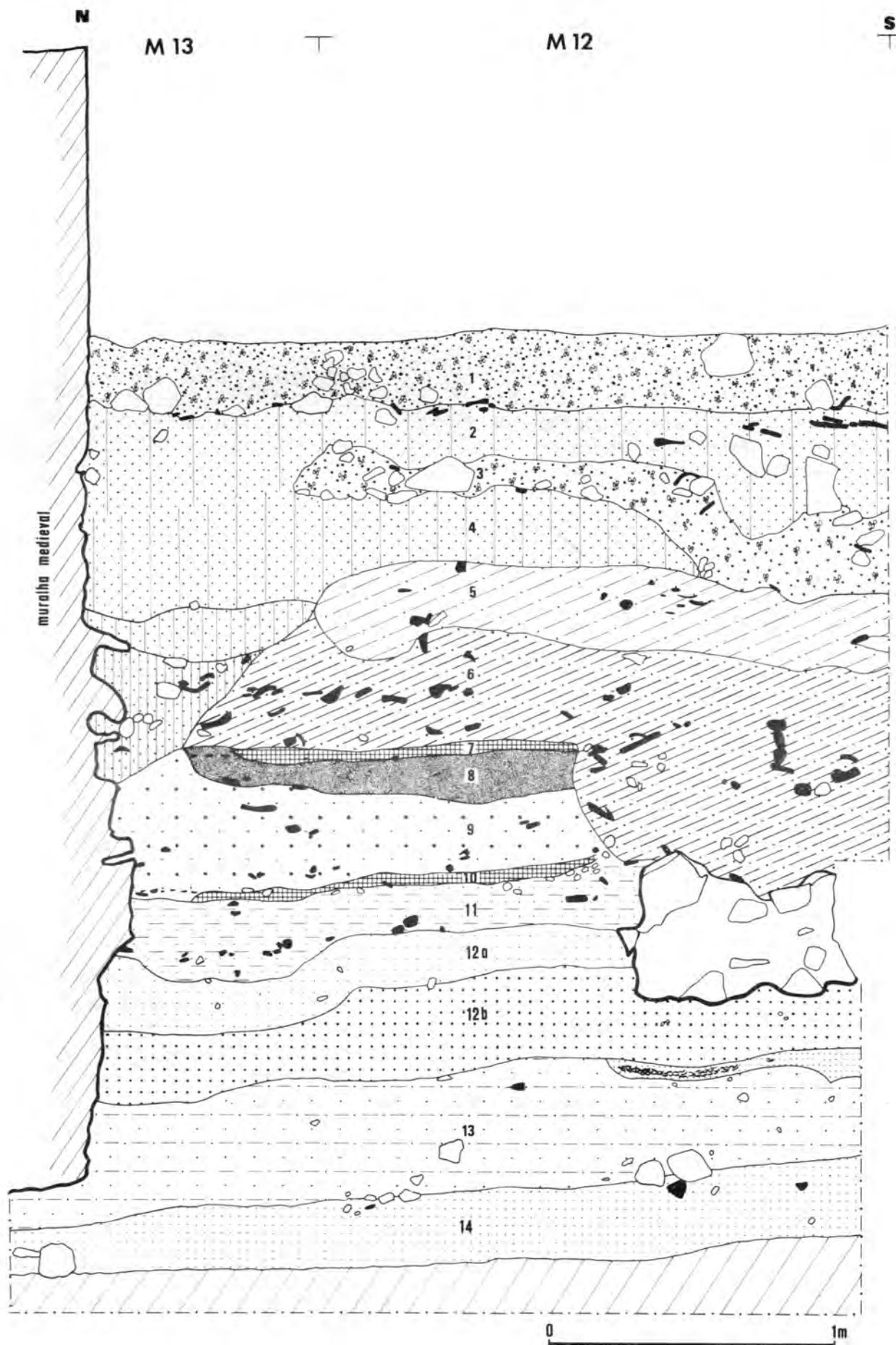


Fig. 5 - Travessa dos Apóstolos. Perfil Este do Corte A. A ocupação da Idade do Ferro está representada pelas Cs. 12a, 12b, 13 e 14.

vala foi aberta aproximadamente na vertical, encostando-se o alicerce da muralha às camadas mais antigas.

C.5 - Areia argilosa cinzento-média ($\approx$ 10 YR 5/1), rica em carvões. Esp. máx. ca. 0,30m. Foi cortada a Norte pela vala de construção da muralha medieval e passava sob o muro 2. A parte superior apresentava-se perturbada pela C.3. Forneceu materiais romanos (ânforas das formas Almagro 51C e Beltran 56/Almagro 50). Trata-se possivelmente da camada de abandono subsequente à utilização tardo-romana do local.

C.6 - Areia argilosa cinzento-acastanhada clara ($\approx$ 10 YR 6/2 e 10 YR 6/1). A Sul aprofundava-se em bolsa cortando as camadas 7, 8, 9, 10 e 11 e atingia o muro 5. Esta bolsa apresentava zonas vermelho-amareladas ($\approx$ 5 YR 5/6) resultantes da desagregação de tijoleiras. Esp. máx. 0,80m. A Norte foi cortada pela C.4c. Forneceu material romano tardio (fragmento de lucerna com a orla decorada por quatro fiadas de glóbulos, decoração comum nos finais do séc. III e inícios do séc. IV e ânforas da forma Almagro 51C). Parece corresponder à utilização do local, em fase tardo-romana, como vazadouro de lixo e estar em sincronia com as grandes bolsas de detritos encontradas no sector I.

C.7 - Areão compacto de cor amarela ($\approx$ 10 YR 7/6). A sua espessura mostrou-se bastante regular ($\approx$ 0,05m). Foi interrompida a Sul pela C.6. Corresponde a um piso que estaria em conexão com o muro 3, destruído no Q.M12 pela bolsa da C.6. Trata-se da fase de ocupação da época romana atribuível à 2ª metade do séc. III.

C.8 - Areia argilosa cinzento-média com lenticulas de carvão e cinzas. Esp. máx. ca. 0,18m. Forneceu *sigillata* clara A (Hayes 9A, 14B e 27) e C (possivelmente forma Hayes 31) e ânforas da forma Beltran IV e Almagro 51C. Poderá ser datada da primeira metade e de meados do séc. III.

C.9 - Areia argilosa castanha ($\approx$ 10 YR 5/2, quando húmida). Esp. máx. ca. 0,50m. Foi parcialmente cortada pelas camadas 8 e 7. Forneceu abundante material arqueológico (*sigillata* clara A Hayes 9A, 14B e 27 e ânforas das formas Beltran IV e Almagro 51C); assenta, na sua maior parte, sobre o

piso da C.10. Esta camada pode ser atribuída ao séc. II e inícios do séc. III.

C.10 - Areão compactado muito semelhante ao da C.7. Esp. máx. ca. 0,05m. Parece corresponder ao piso do compartimento definido pelos muros 4, 5 e 6 (os dois últimos sem expressão no perfil). O piso assentou, no canto Sul, sobre uma pequena concentração de fragmentos de estuque pintado a vermelho e poderá ser datado da 2ª metade do séc. II.

C.11 - Areia argilosa castanho-clara ($\approx$ 10 YR 5/3, quando húmida). Esp. máx. ca. 0,30m. Forneceu material romano da primeira metade do séc. II (ânforas da forma Beltran IV e *sigillata* clara A).

C.12a - Areia argilosa fina, cinzenta média ($\approx$ 10 YR 5/1). Esp. máx. ca. 0,25m. Quase estéril arqueologicamente. Materiais da Idade do Ferro.

C.12b - Areia muito fina cinzento-acastanhada ($\approx$ 10 YR 6/1). Esp. máx. ca. 0,30m. Passa sob os muros 4, 5 e 6. Forneceu cerâmica da Idade do Ferro muito fragmentada e com algum rolamento, provisoriamente atribuída aos séculos V-IV (ânforas ibero-púnicas, engobe vermelho ibero-tartéssico).

C.13 - Areia argilosa fina cinzento-acastanhada clara ($\approx$ 10 YR 6/2). Esp. máx. ca. 0,45m. Passa sob a muralha medieval. No lado Sul, possuía, na sua parte superior, uma lenticula de conchas de moluscos marinhos (*Ostrea* sp., *Solen Marginatus*, *Mytilus edulis* e *Ruditapes decussatus*). Forneceu cerâmicas cinzentas e de engobe vermelho orientalizante e ânforas de tipo fenício atribuíveis aos sécs. VII-VI a.C., com paralelos evidentes nos níveis do Período Orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal.

C.14 - Areia argilosa fina, castanho-acinzentada escura ($\approx$ 10 YR 4/2). Esp. máx. ca. 0,25m. Forneceu material do tipo do da C.13 mas com maior percentagem de cerâmica manual.

C.15 - Areia amarela clara ($\approx$ 2.5 Y 8/2). Arqueologicamente estéril.

Materiais

Os materiais arqueológicos provenientes dos níveis anteriores à Época

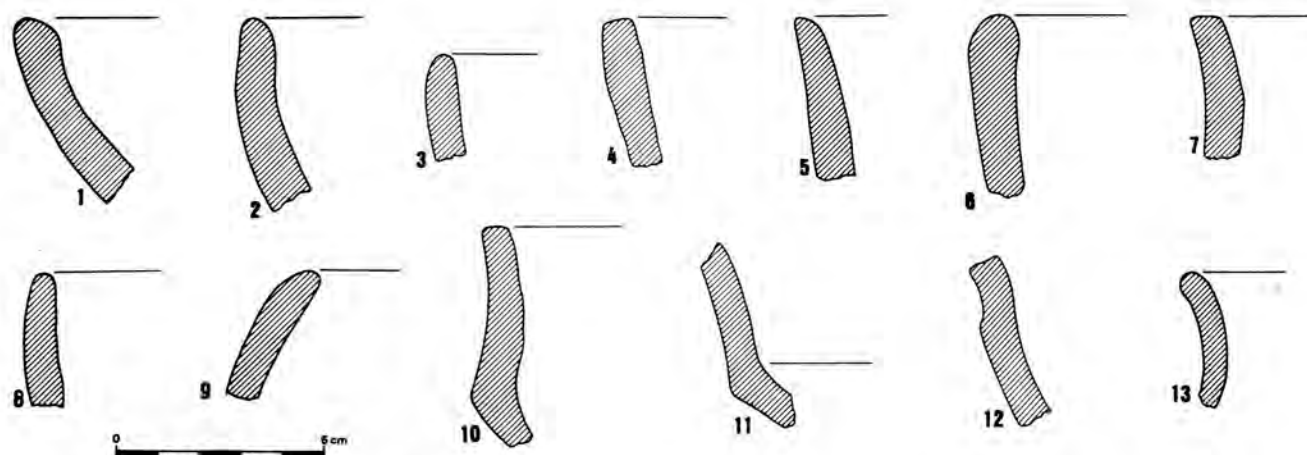


Fig. 6 - Travessa dos Apóstolos. Cerâmica da fase I; nºs 1 a 10 - cerâmica de fabrico manual; nº 13 - cerâmica comum fabricada ao torno.

Romana permitem estabelecer três fases na evolução da ocupação pré-romana do local. A fase I está representada pelas Cs. 11a e 11b do Corte B; a fase II, pelas Cs. 13 e 14 do Corte A, C.10b do Corte B, C.30 do Corte C e Cs. 4b, 4c e 5 do Corte D; a fase III, pelas Cs. 12a e 12b do Corte A e Cs. 9 e 10a do Corte B. Esses materiais são constituídos, na sua quase totalidade, por cerâmicas (1739 fragmentos: 185 da fase I; 959 da fase II e 595 da fase III), a qual se distribui pelas seguintes grandes categorias: cerâmica de fabrico manual; cerâmica comum fabricada ao torno; ânforas; "cerâmica cinzenta"; cerâmica de engobe vermelho orientalizante; cerâmica de engobe vermelho ibero-tartéssica e cerâmica pintada (11).

A cerâmica de fabrico manual predomina esmagadoramente nos níveis da fase I, com 84,3% (156 frags.); nos níveis da fase II a sua frequência relativa baixa para 23,9% (229 frags.) e nos da fase III não atinge mais que 18,0% (107 frags.).

Estes valores estão muito próximos dos obtidos para os estratos I, IIa e IIb-IIc do Cabezo de San Pedro, em Huelva (corte de M.del Amo e M. Belen, 1981 (12)), respectivamente do séc. VII, séc. VII-VI e séc. VI-V a.C.. De notar que o Cabezo de San Pedro foi um povoado indígena aberto a contactos com o Mediterrâneo Oriental, com uma situação cultural bem distinta da

de uma verdadeira feitoria, como a de Toscanos, onde nos níveis dos sécs. VIII e VII a percentagem de cerâmica fabricada manualmente é muito inferior (13). Os níveis dos sécs. VII-VI a.C. do Castelo de Alcácer do Sal forneceram também percentagens relativamente baixas: 11,5% na C.10 e 8,7% na C.9 (14). A fundação indígena de Setúbal, ligada às culturas do Bronze final da região, parece-nos pois evidente, ainda que, na sua evolução, tenham participado fortes influências de carácter orientalizante.

As formas da cerâmica de fabrico manual da Travessa dos Apóstolos não revelam apreciáveis variações qualitativas ao longo da sequência estratigráfica das três fases consideradas. Estão presentes as taças de bordo simples (fases I-III); taças de bordo com ligeiro espessamento interno convexo (fases I e II); taças carenadas com a parede externamente côncava (fases I e II); vasos esferoidais de bordo ligeiramente inclinado para o interior (fases I e II); vasos fechados, de corpo esferoidal, com o bordo extrovertido (fases I-III), por vezes com o lábio decorado por incisões ou impressões denteadas. Os fundos da fase I têm base plana sem pé destacado, tipo que se mantém na fase II. Nesta fase e na seguinte ocorrem também os fundos planos mas com o pé destacado. À fase II pertence um fundo com omphalos.

A **cerâmica comum fabricada ao torno** engloba, tal como nos níveis sidéricos do Castelo de Alcácer do Sal (15), duas variedades de pasta - cor - tratamento das superfícies que se caracterizam como as daquela jazida:

A - Pasta compacta e sonora; superfícies geralmente alisadas, rosadas, beijas ou castanhas claras.

B - Pasta menos compacta; superfícies quase sempre rugosas, negras, cinzentas ou castanho-acinzentadas.

A frequência relativa da cerâmica comum aumenta de baixo para cima (9,2% nos níveis da fase I; 44,4% nos níveis da fase II e 54,8% nos da fase III), facto igualmente verificado no Castelo de Alcácer. A variedade A é sempre mais abundante (36% na fase II e 47,9% na fase III) que a B (8,4% na fase II e 6,9% na fase III), o que também se observa em Alcácer (16).

A fase I oferece taça de bordo simples. A fase II, além de conter esta forma, possui taças de bordo espessado; taças de bordo ligeiramente extrovertido; vaso fechado de bordo extrovertido, por vezes revirado. Estas formas prolongam-se pela fase III.

O tipo de fundo mais comum nas fases II e III é o de pé destacado e base plana; ocorrem também os fundos sem pé destacado e com base plana ou ligeiramente côncava.

Na fase II está presente a asa bífida que coexiste com a de secção circular ou ovalada.

Os fragmentos atribuíveis, por vezes com reservas, a **ânforas** surgem na fase I apenas com 2,7% (5 exs.), atingindo nas fases II e III as percentagens de, respectivamente, 16,5% (158 exs.) e 15,8% (94 exs.). Estes últimos valores aproximam-se dos dos níveis dos séculos VII-VI e IV-III do Castelo de Alcácer (17).

A fase II deu bordos de ânforas datáveis dos séculos VII e VI: exemplares afins das formas 748, 760, 795 e 1065 do Cerro Macareno (18).

A fase III pertencem ânforas que no Cerro Macareno se integram no Ibérico inicial com datações compreendidas entre os finais do séc. VI e a primeira metade do séc. IV. Surgiram exemplares afins das formas 938, 1269, 1354 e 1442 do Cerro Macareno.

A "**cerâmica cinzenta**" surge logo na fase I, embora timidamente (2,7% -

- 5 exs.), e desenvolve-se nas fases II (12,4% - 119 exs.) e III (10,4% - 62 exs.).

No que se refere à cor das superfícies e da pasta distribui-se pelos dois grupos identificados no Castelo de Alcácer (19). O grupo A, de cor cinzenta clara, é único na fase I, em taças de bordo com espessamento interno convexo; na fase II atinge 5%, em taças de bordo simples, taças de bordo com ligeiro espessamento interno convexo (a forma mais abundante), taças de bordo extrovertido com perfil em S e vaso ligeiramente fechado e com bordo extrovertido e em fundos de pé pouco destacado e de base plana; na fase III desce para 1,6% e ocorre em taças de bordo simples e taças de bordo com espessamento interno convexo e em fundos com pé destacado e base plana. O grupo B, de superfícies cinzentas escuras ou negras espatuladas surge na fase II com 7,4%, em taças de bordo simples, pratos carenados e, mais frequentemente, em taças de bordo com ligeiro espessamento interno convexo e em fundos sem pé destacado e base ligeiramente côncava ou com pé destacado e base plana; na fase III, com 8,8%, manifesta-se em taças de bordo simples, taças de bordo com ligeiro espessamento interno convexo, vasos fechados com bordo extrovertido e em fundos de pé destacado e base plana.

A fase II oferece 1 fragmento de forma indeterminada, pertencente ao grupo B, com a superfície externa profusamente decorada por grafitos (motivos solares, espigas, ziguezagues).

O **engobe vermelho orientalizante** é exclusivo das fases I (apenas com 0,5% - 1 ex.) e II (1,4% - 13 exs.). No Castelo de Alcácer, nos níveis da fase III, pertencente ao período orientalizante como a nossa fase II, surgiu em 9,1% (C.10) e 5,3% (C.9) (20). Está representado, tal como em Alcácer, por pratos de bordo largo - forma 1 de Cuadrado (21) - e pateras carenadas - forma 3/9 de Cuadrado.

O **engobe vermelho ibero-tartéssico** (22) surge somente na fase III onde está representado por um prato de bordo extrovertido e largo e provido de carena (forma 1 da cerâmica ibero-tartéssica, segundo a classificação de Cuadrado).

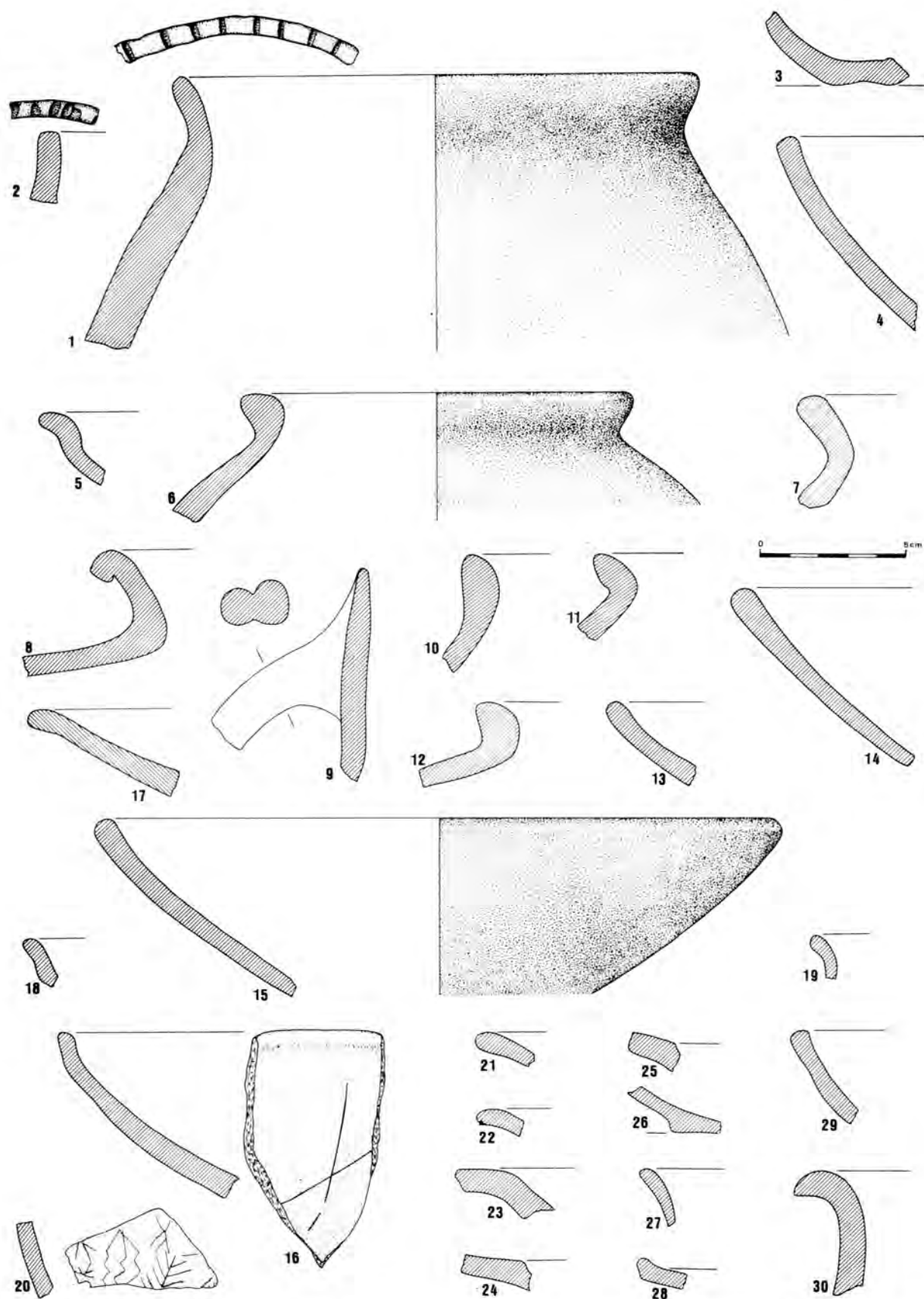


Fig. 7 - Travessa dos Apóstolos. Cerâmica da fase II: n°s 1 a 3 - cerâmica manual; 4 a 9 - cerâmica comum ao torno; 10 a 12 - ânforas; 13 a 20 - cerâmica cinzenta; 21 a 28 - cerâmica de engobe vermelho orientalizante; 29 - cerâmica pintada (aguada vermelha, cobrindo toda a superfície interna); 30 - cerâmica pintada de bandas (sobre o lábio e na superfície externa).

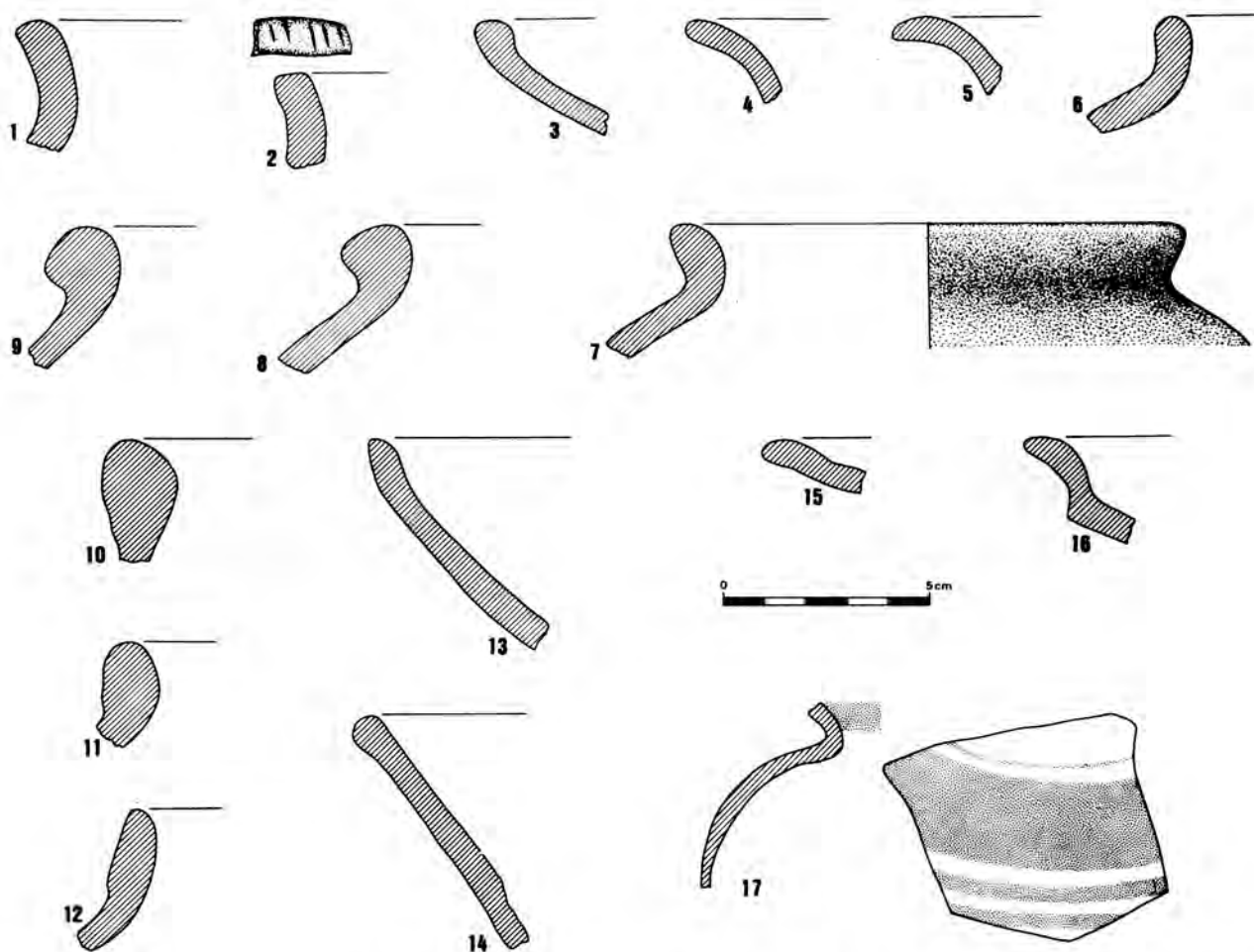


Fig. 8 - Travessa dos Apóstolos. Cerâmica da fase III: nºs 1 e 2 - cerâmica de fabrico manual; 3 a 7 - cerâmica comum ao torno; 8 a 12 - ânforas; 13 a 15 - cerâmica cinzenta; 16 - cerâmica de engobe ibero-tartéssico; 17 - cerâmica pintada de bandas.

A **cerâmica pintada** ocorre também em percentagens muito baixas (0,5% - 1 ex. - na fase I; 1,5% - 14 exs. - na fase II - e 0,8% - 5 exs. - na fase III), para o que pode ter contribuído as desfavoráveis condições de conservação do meio, intensamente lixiviado.

A pintura pode abranger, de forma contínua, grandes superfícies do vaso ou distribuir-se por bandas. Os exemplares pertencentes à primeira destas categorias surgem nas fases II e III com pintura vermelha, vermelho-acastanhada ou de cor de vinho na superfície interna de taças ou cobrindo toda a superfície externa de fragmentos de forma indeterminada.

A **cerâmica pintada de bandas** manifesta-se logo na fase I (1 ex. com

banda negra e banda mais larga vermelho-acastanhada, avivada por espatulamento) e mantém-se na fase II (bandas vermelhas, banda castanha sobre fundo bege, bordo em aba com pintura alaranjada sobre o lábio e na superfície externa abaixo do bordo) e na fase III (filetes vermelhos, bandas castanho-avermelhadas, bandas castanho-avermelhadas avivadas por espatulamento, filetes e bandas arroxeados sobre fundo bege).

Conclusões

A intervenção arqueológica na Travessa dos Apóstolos permitiu remontar

as origens da ocupação humana de Setúbal, até agora fixadas na Época Romana, aos inícios da Idade do Ferro.

A estratigrafia observada e a tipologia cerâmica correspondem a três fases de evolução sidérica compreendida entre o século VII e os finais do séc. V ou inícios do IV a.C..

Os níveis da fase I forneceram abundante cerâmica de fabrico manual (84,3%) e, entre a produzida ao torno, alguma "cerâmica cinzenta" e escassa cerâmica de engobe vermelho orientalizante. Trata-se de um horizonte datável do séc. VII a.C., correspondente à implantação, sobre um substrato autóctone dos finais da Idade do Bronze, de influências de carácter mediterrânico ligadas à expansão de grupos fenícios ou paleo-púnicos. Este horizonte, de transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, está por enquanto ausente em Alcácer e encontra excelentes paralelos em Huelva II.

No que é hoje a zona mais alta do "Centro Histórico" de Setúbal, situada entre a igreja de Santa Maria e o Miradouro - ao tempo uma colina banhada pelas águas da baía e de um largo braço de mar que penetrava, nos terrenos baixos, até áreas ocupadas actualmente pelos bairros do Montalvão e do Liceu - forma-se então um estabelecimento, talvez de carácter marcadamente comercial mas de forte componente indígena, que, localizado na desembocadura do Sado, constituiria a base a partir da qual os comerciantes mediterrânicos iriam, através do rio, manter contactos com as ricas regiões mineiras do interior alentejano. Em Alcácer do Sal, um importante entre-

posto seria criado. Com efeito, a nossa fase II oferece já abundante cerâmica montada ao torno (76,1%) com ânforas de tipo fenício, "cerâmica cinzenta" e cerâmica de engobe vermelho orientalizante. Equiparável à fase III do Castelo de Alcácer, datada do séc. VII-VI a.C. e durante a qual se assiste a um marcado enraizamento das influências de carácter orientalizante, revela contudo a presença de uma componente indígena mais acentuada testemunhada pelo aparecimento de uma frequência relativa mais elevada (23,9%) de cerâmica de fabrico manual, na tradição da Idade do Bronze, e por baixas percentagens de cerâmica de engobe vermelho e de cerâmica pintada.

A fase III, datável dos sécs. V-IV a.C., mostra elementos que estão na evolução dos anteriores. A "cerâmica cinzenta" mantém-se abundante (quase desaparecendo, porém, a do grupo A); a cerâmica de engobe vermelho orientalizante é substituída pela ibero-tartéssica; as ânforas pertencem a tipos ibero-púnicos; a cerâmica manual, na tradição das fases anteriores, é ainda abundante.

Não obstante algumas diferenças de carácter quantitativo, são flagrantes as semelhanças entre todos os grupos de cerâmica (quer no que se refere à pasta, cor e tratamento das superfícies, quer no que concerne às formas) dos níveis pré-romanos da Travessa dos Apóstolos e os grupos cerâmicos do Castelo de Alcácer. Em ambas as jazidas a Idade do Ferro revela um carácter fundamentalmente mediterrânico, de componente cultural essencialmente semita.

NOTAS:

1. COELHO SOARES, A. e TAVARES DA SILVA, C., Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, IV, Setúbal, 1978.
2. MARQUES DA COSTA, J., *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*, Setúbal, 1960.
3. BANDEIRA FERREIRA, F., O problema da localização de Cetóbriga. Seu estado actual. *Conimbriga*, I, Coimbra, 1959.
4. BANDEIRA FERREIRA, F., *op. cit.*, p. 58.
5. TAVARES DA SILVA, C. e CARRITA, M., Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Lucerna. (Actas do IV Colóquio Português de Arqueologia)*, V, Porto, 1966.

6. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., Na procura das origens de Setúbal. *Almadan*, 3, Almada, 1984.
7. TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., *op. cit.* (nota 6).
8. TAVARES DA SILVA, C. e COELHO-SOARES, A., A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal, 1980-81.
9. TAVARES DA SILVA, C., *Escavações Arqueológicas na Praça de Bocage: 2000 Anos de História*. Setúbal, 1980.
10. Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos pelos signatários, assistidos por Francisco Romão Cebola, Júlio Costa, Leonor Ferreira e Paula Covas, do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.
11. Para uma caracterização destes grupos de cerâmicas cf. TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., BEIRÃO, C. de M., FERRER DIAS, L. e COELHO-SOARES, A., Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, Setúbal, 1980-81.
12. AMO, M. del e BELEN, M., Estudio de un corte estratigráfico en el Cabezo de San Pedro. *Huelva Arqueológica*, V, Huelva, 1981.
13. SCHUBART, H., NIEMEYER, H. G. e PELLICER CATALÁN, M., Toscanos: la Factoría Paleopúnica en la Desembocadura del Río de Velez (Excavaciones Arqueológicas en España, 66), Madrid, 1969.
14. TAVARES DA SILVA, C., SOARES, J., BEIRÃO, C. de M., FERRER DIAS, L. e COELHO-SOARES, A., *op. cit.* (nota 11).
15. Cf. *op. cit.* (nota 11).
16. Cf. *op. cit.* (nota 11).
17. Cf. *op. cit.* (nota 11).
18. PELLICER CATALÁN, M., Tipología y cronología de las anforas prerromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, Sevilla, 1978.
19. Cf. *op. cit.* (nota 11).
20. Cf. *op. cit.* (nota 11).
21. CUADRADO, E., Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico. *Tartessos y sus Problemas* (V Simposium Internacional de Prehistoria Peninsular), Barcelona, 1969.
22. CUADRADO, E., *op. cit.* (nota 21).

